

## SHÛZÔ KUKI E SUA OBRA *ESTRUTURA DO IKI (IKI NO KÔZÔ)*\*

*Katsunori Wakisaka*\*\*

**RESUMO:** Apresentação de *Iki no Kôzô (Estrutura do Iki)*, ensaio do filósofo japonês Shûzô Kuki, escrito em 1930, onde se procura mostrar um dos aspectos ético-estéticos do comportamento japonês que afloram e se sedimentam no decorrer do século XVIII e na primeira metade do seguinte, em Edo (atual Tóquio), principalmente entre os comerciantes, em contraposição às normas rígidas seguidas pelos samurais.

**ABSTRACT:** Presentation of *Iki no Kôzo (Structure of Iki)*, written by Japanese philosopher Shûzô Kuki in 1930, where he points out one of the aspects of Japanese ethic-aesthetic behaviors that emerge and establish itself in the course of the 18<sup>th</sup> century and first half of the 19<sup>th</sup>, in Edo (present Tokyo), mainly among merchants, as a counterpart to the rigid norms followed by the samurai.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Iki*, estética, comportamento, comerciantes, samurais.

**KEYWORDS:** *Iki*, aesthetics, behavior, merchants, samurai.

*Iki no Kôzô (Estrutura de Iki)* é um ensaio de Shûzô Kuki (1888-1941). Quarto filho do Barão Ryûichi Kuki, embaixador do Japão nos Estados Unidos, Shûzô Kuki nasceu em Tokyo e fez a Universidade Imperial, atual Universidade de Tokyo, onde concluiu o curso de filosofia em 1912. Durante 10

\* Comunicação apresentada no II Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, promovido pela Associação Latino-Americana de Estudos Afro-Asiáticos do Brasil, realizado no período de 3 a 5 de novembro de 1986, em São Paulo.

\*\* Pesquisador do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, São Paulo.

anos esteve inscrito no curso de Doutorado da mesma Universidade, dirigindo-se em seguida à Europa, permanecendo na Alemanha e na França durante o período de 1921 a 1929. Estudou inicialmente com Rickert em Heidelberg, e depois com Martin Heidegger, e na França assistiu às aulas de Bergson. Teve contato com os filósofos existencialistas.

Foi no ambiente intelectual de Paris que Kuki escreveu este seu ensaio – (os primeiros originais trazem a data de dezembro de 1926) –, que foi publicado na revista “Shisô” (“Pensamento”), números de janeiro e fevereiro de 1930.

Regressando ao Japão, Kuki foi convidado a lecionar na Universidade de Kyoto.

Ambientado às modernas correntes filosóficas – fenomenologia, existencialismo, hermenêutica – Kuki, de certa maneira, refratário ao sincretismo filosófico, foi, na Universidade de Kyoto, um pensador que não pertenceu à corrente filosófica principal da dita Escola de Kyoto, onde prevalecia o pensamento de Kitaro Nishida e Hajime Tanabe que seguiam a corrente da filosofia idealista alemã, num amálgama de conceitos de diversas origens.

Shûzô Kuki faleceu em 1941, na cidade de Kyoto, aos 53 anos de idade.

*Iki* é um termo que surge na parte final do século XVIII e se fixa no período inicial do século XIX, designando um certo padrão de comportamento próprio à vida cidadina de Edo, atual cidade de Tokyo, então centro político-administrativo do Japão.

Kuki aborda esse termo, que se afigura bastante distante à filosofia, com uma linguagem calcada na fenomenologia de Husserl e no pensamento de Heidegger.

Afirma Kuki:

Que *iki* constitui um significado não há que se duvidar. Que se forma como linguagem é um fato dentro da língua japonesa. Será que *iki* é um termo que tem a universalidade de modo a poder encontrá-lo em outras línguas? [...] Caso seja apenas encontrado na língua japonesa, *iki* será um termo que semanticamente se apresenta peculiar ao povo japonês.

E prossegue:

Então, com que metodologia deve ser tratado um ser cultural peculiar a um povo? Trata-se de um aspecto que deve ser esclarecido antes de tentar-se chegar ao esclarecimento da estrutura semântica desse termo.

Um povo e sua língua. Qual a sua relação? A semântica e o ser povo, em que relação se encontram? Prossegue Kuki:

A questão da adequação semântica não anula a questão do ser-semântico. Pelo contrário, na maioria das vezes, é fundamental a questão do ser-semântico.

Devemos partir do dado concreto. O que a nós é dado diretamente: “nós” E também o “povo” que pode ser considerado como o conjunto de “nós” O modo de ser do povo se manifesta com determinado “significado semântico” Esse determinado “significado semântico” abre uma passagem por meio da “linguagem” Assim, um significado semântico ou linguagem passa a ser a auto-manifestação do modo de ser, passado e presente, de um povo, uma abertura de uma cultura peculiar que possui história.

A existência viva do povo cria a semântica e a língua. A relação entre ambas não é a de as partes precederem o todo numa relação de composição mecânica, mas indica uma relação de composição orgânica em que o todo determina as partes.

Desta maneira, uma semântica concreta ou língua, possuída por um povo, é a expressão da existência desse povo e deve ser a portadora de tônica especial da experiência peculiar desse povo.

*Iki* é um termo que possui uma forte conotação do povo japonês. Procurando-se os seus correspondentes nas línguas alemã e inglesa, vamos verificar que eles são tomados emprestados do francês. Na língua francesa, a palavra que primeiro surge como correspondente a *iki* é o “chic”. Este termo francês, como é sabido, se acha incluído tanto no alemão (segundo alguns, do alemão “Schick” [*schicken*] passou ao “chic” francês, que fora reintroduzido no alemão) como no inglês. Mas, este termo francês possui, hoje em dia, uma extensão mais ampla do que se compreende por *iki*.

Vejam os outros termos: “coquet” que deriva de “coq”. Possui uma condição situacional a paisagem de um galo rodeado de várias galinhas. Significa a condição de coquete. Este termo, acentuadamente de caráter francês, é certamente um dos indicadores do significado de *iki*. Entretanto, *iki* não é o mesmo que “coquet”. É necessária a inclusão de outros indicadores.

Carmen, ao aproximar-se de D. José cantando *La Habanera*, representa a coqueteria, mas não é *iki*.

Na França, há ainda o termo “raffiné” que vem de “re-affiner”. O significado de polimento, de refinamento, é uma componente importante de *iki*. Ainda assim, não esgota o significado desse termo japonês.

Para se ter uma compreensão precisa de *iki* temos de procurar conhecer os momentos que marcam o seu conteúdo. Isto é, temos de ter a conotação exata dos indicadores que distinguem semanticamente o termo.

O primeiro indicador é a “sedução” em relação ao sexo oposto. A relação com o sexo oposto constitui o ser original de *iki*. Isto já se compreende pelo fato de “um assunto *iki*” significar “uma história de amor”. Acha-se subentendida nestas expressões que essa relação fica mais ou menos fora de uma relação de norma. Quer dizer que “um assunto *iki*” tem por condição necessária a sedução em algum sentido.

Então, o que vem a ser sedução? Explica-a Kuki: “Sedução é uma atitude dual em que o eu, uno, singular, coloca perante si, em tese, o sexo oposto, e estabelece uma relação em potencial entre este eu e o sexo oposto”

Assim, o “provocante”, a “amorosidade”, a “voluptuosidade”, a “atração” que se encontram no *iki* são nada mais que a tensão que tem por base esta potencialidade dual.

E Kuki prossegue: “A dita ‘distinção’ (‘ser distinto’) demonstra a carência dessa dualidade. Esta potencialidade dual é a determinação do ser original da sedução. No caso de os sexos opostos conseguirem a união, conseqüentemente perdendo-se a tensão, a sedução se auto-nega, desaparecendo”

A sedução coloca como objetivo final imaginário a conquista do sexo oposto, e tem o destino de extinção concomitantemente à realização desse objetivo.

Quando Nagai Kafû escreve em *Kanraku* (“Prazer”) que “não há nada mais sem graça que a mulher conseguida depois de muito cobiçada”, certamente está expressando

tédio, desesperança, aversão, que advêm da auto-eliminação da sedução que atuava antes, de parte a parte. Assim, a continuidade da relação dual, isto é, a defesa da possibilidade como tal, faz parte da natureza essencial da sedução. Conservar essa tensão possível, dual, é fundamental para a existência desse sentimento. Não importa a distância, mas não se deve permitir que ela seja reduzida a zero. A bem da contínua existência dessa potencialidade, Aquiles pode aproximar-se indefinidamente do cágado, mas que, pela eternidade, seja mantido o paradoxo de Zenão. A sedução na sua forma mais perfeita deve ser a potencialidade dinâmica dual entre os sexos opostos tornada absoluta enquanto potencialidade.

O segundo indicador de *iki* é a “valentia” Do modo de ser enquanto fenômeno de consciência, em *iki* se reflete, com nitidez, o ideal moral da cultura de Edo. Em *iki* se acham incorporados o espírito e o orgulho dos homens de Edo. Os ditos verdadeiros “filhos de Edo” se gabam de que o rústico e o monstruoso não são encontrados a leste de Hakone, que é a porta de entrada da cidade de Edo, quando se vem da região oeste. Eles adoravam a coragem dos bombeiros, admirados heróis-combatentes do fogo (Edo era a verdadeira capital também do incêndio, registrando-se na sua história numerosos, de proporções gigantescas). O “dandismo” desses homens, de “happi” era tal que, mesmo no rigoroso inverno, calçavam somente “tabi” branco (espécie de sapatilha).

*Iki* leva no seu bojo, a par de sua “sedução”, uma parcela de oposição e distanciamento, em relação ao sexo oposto. Este aspecto, contraditório à primeira vista, é perfeitamente explicável, quando se tem em conta a tensão dual que se faz parte da essência de *iki*.

Cabe aqui uma consideração histórica para entender-se esse comportamento, de certa maneira agressivo, da população de Edo em relação à gente do oeste.

Oeste, no caso, indica mais as susseranias existentes nessa região e seus samurais e menos a cultura milenar de Kyoto e cercanias, onde o refinamento cultural do japonês se sedimentou através da sua história.

Ao instalar-se, em 1600, o xogunato da família Tokugawa em Edo, então uma vila de pouco mais de dez mil habitantes, certamente havia entre os moradores um sentimento de inferioridade, culturalmente falando, em relação à parte mais antiga do Japão. Mas Edo, capital político-administrativa do país, se desenvolveu rapidamente. (Em cem anos, a população alcançou um milhão de habitantes. A título de referência: Londres em 1650, no tempo de Cromwell, tinha aproximadamente 500.000 habitantes; Paris, em 1777, aproximadamente 600.000; Edo, em 1786, aproximadamente 1.400.000 habitantes.) E se tornara uma cidade essencialmente consumidora.

A organização político-administrativa do xogunato, feudal-absolutista e centralizada, exigia a presença regular e periódica de todos os susseranos, e, naturalmente, os seus séquitos os acompanhavam à cidade de Edo. Numa sociedade de castas rigorosamente estratificada, os samurais tinham “status” privilegiado. Com a estabilidade institucional conseguida pelo xogunato e aumento da produção no país todo, na cidade de Edo, acentuadamente consumista como já se mencionou, os comerciantes, artesãos e prestadores de serviços vão consolidando a sua posição “de fato” na sociedade. Os comerciantes, principalmente.

A contradição dessa ascensão “de fato” e a rígida restrição da estratificação social imposta pelo regime faz surgir um padrão de comportamento de surda crítica aos sa-

murais. Discretos procederes de ironia, de crítica, de riso, que gradativamente vão assumindo contornos de padrões comportamentais, de direcionamento estético.

As surdas críticas se manifestam no desprezo às rígidas normas comportamentais dos samurais, aos seus formalismos, e também à falta de refinamento dos samurais das diversas regiões distantes de Edo que, por força das exigências político-administrativas do xogunato, eram forçados a ir a essa cidade em número elevado.

É nesse contexto de oposição às formalidades rígidas dos samurais que se configura esse padrão comportamental, uma forma de manifestação de seu valor estético, entre a população de Edo. Obviamente, esse processo demandou um tempo relativamente longo. Se o início do xogunato de Edo fora em 1600, os contornos mais nítidos dessas maneiras de comportamento podem ser percebidos no período final do século XVIII, podendo dizer-se que floresceram nos períodos Bunka (1802-1816) e Bunsei (1817-1829).

O terceiro indicador de *iki* é a “renúncia” Trata-se da indiferença, da liberação do apego, frente ao conhecimento relativo ao destino. *Iki* tem de ser refinado. Um estado de espírito de simplicidade, transparente, elegante acima de tudo.

Donde vem essa emancipação de espírito? Diante da desilusão do amor, a renúncia após o abandono de uma cândida confiança.

A existência de uma instituição social particular, especial – a instituição do mundo das gueixas – que funciona como uma passagem, uma via de comunicação entre os dois sexos, que se presta a fazer sofrer as desilusões de amor. A sinceridade com a qual o amor se oferece pode ser traída, e o coração, após múltiplas experiências dolorosas, acaba por afastar-se do falaz. Nasce daí a visão de um homem inconstante, indiferente, mau. Resulta uma visão fatalista dos acontecimentos, daí medrando um ceticismo profundo e uma conclusão pessimista. Seria essa a razão pela qual, diz-se, *iki* é mais encontrado entre gueixas de mais idade. *Iki*, assim, tem sua origem, também, no mundo dessas mulheres.

A renúncia ou a indiferença contida no *iki* consiste no coração que, após o refinamento com desvelo, ultrapassando com elegância um mundo de frieza e crueldade, se desprende dos liames arbitrários da realidade para instalar-se numa quietude sem queixa, sem nada que o prenda. É onde se descobre, ao outro lado do ligeiro sorriso charmoso, o traço delicado das lágrimas calorosas e sinceras.

No *iki*, a renúncia ao destino e à quietude que repousa sobre esta renúncia constituem uma evidência inegável. É também inquestionável que a ele faz pano-de-fundo uma mundivisão budista onde o princípio é considerar o “panta rhei” e a inconstância como uma forma de *diakrisis* e o vazio e a nirvana como um princípio de *synkrisis*, e uma visão religiosa de vida que ensina a calma face ao destino, acentuando e purificando este momento de *iki*.

Resumindo, a estrutura de *iki* apresenta três momentos: sedução, valentia e renúncia, sendo que a sedução se constitui no momento fundamental, e a valentia e a renúncia determinam os caracteres nacional e histórico.

À primeira vista, estes últimos indicadores parecem não se compatibilizarem com o primeiro indicador, a sedução. Entretanto, é indispensável a lembrança de que a determinante fundamental da sedução é a potencialidade dual. E o segundo indicador, a valentia, é a força do espírito derivado do idealismo, por isso mesmo, conferindo à

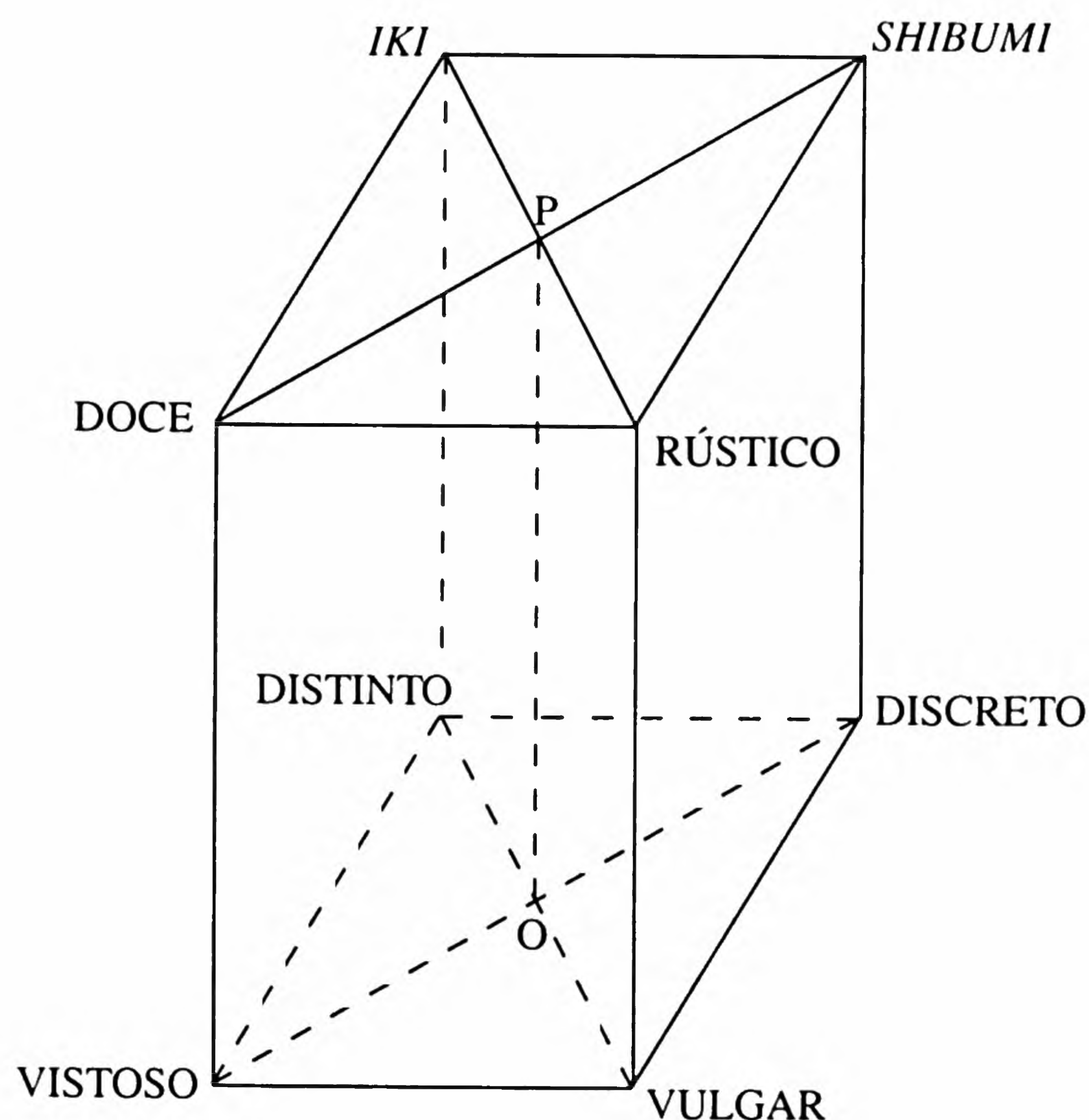
potencialidade dual da sedução uma maior tensão e durabilidade, fazendo com que a potencialidade se complete enquanto potencialidade. Assim, a valentia acentua a modalidade do ser da sedução, aumenta o seu brilho e aguça os seus ângulos. A determinação da potencialidade dual da sedução pela valentia nada mais faz que acentuar a defesa da liberdade.

A sedução, ao atingir o seu objetivo imaginário, é fiel a si mesma. Assim, que a sedução seja possuidora de sentimento de renúncia ao seu objetivo não é só coerente como também descobre a modalidade do ser original de si mesma.

Em resumo, no modo de ser de *iki*, a sedução é definida até a sua perfeição conquanto ser, pela valentia alicerçada sobre o ideal do “samurai” e pela renúncia, cujo pano-de-fundo é a irrealidade do budismo.

Tentou-se apresentar a estrutura conotativa de *iki*, destacando-se os indicadores compreendidos pelo mesmo. Vamos, agora, procurar distinguir *iki* de outros termos, semanticamente correlacionados, a fim de torná-lo claro quanto à sua extensão.

Neste aspecto, devemos tomar os termos “distinto” “vistoso”, *shibu* ou *shibumi* (“adstringente”). Estes possuem, cada qual, termos semanticamente opostos: ao “distinto” se opõe o “vulgar”; ao “vistoso” se contrapõe o “discreto”. Ao *shibumi*, alguns, por confusão, contrapõem o “vistoso”. Mas isto não deve acontecer. Pretendemos colocar como oposto de *shibumi* o “doce”. Quando se procura estabelecer o princípio de classificação recorrendo-se a regras do ser de suas formações, vamos encontrar dois grupos, a saber: a área comum formada pela modalidade do ser em termos de “distinto” e “vistoso” e a área comum formada pela modalidade do ser de *iki* e *shibumi*. Estas duas áreas têm propriedades diferentes. A primeira pertence à área comum do ser geral humanístico e a segunda faz parte da área comum do ser específico dos sexos opostos. Ao proceder à exposição sobre os diversos conteúdos semânticos próximos a *iki*, Kuki apresenta uma esquematização conforme se segue.



Esta esquematização representada por um hexaedro reto, que se poderia chamar de geometria do gosto, Kuki assim a explica:

1. Os quadrados superior e inferior indicam as duas áreas comuns determinantes da formação das modalidades dos gostos estudados.
2. Os oito termos são colocados em oito vértices.
3. Todos os pares de vértices ligados, sejam pelas arestas, sejam pelas diagonais, mostram maior ou menor grau de oposição.
  - 3.1. O maior grau de oposição é entre os pares que se formam pela ligação através das diagonais dos quadrados superior e inferior (ex. *iki* e rústico, distinto e vulgar).
  - 3.2. Pelos lados dos quadrados (ex.: *iki* e *shibumi*).
  - 3.3. Pelas arestas do hexaedro (ex.: *iki* e distinto)
  - 3.4. Pelas diagonais dos quadriláteros (ex. *iki* e vistoso).
  - 3.5. Pelas diagonais do hexaedro (ex.: *iki* e vulgar).

Kuki, ao referir-se às expressões objetivas de *iki*, diz que podem ser consideradas a forma natural e a forma artística, tecendo, assim, considerações sobre as duas formas de expressão.

Como expressão corporal do *iki*: auditiva, como a forma de pronunciar as palavras e visual, como postura, gestos, expressões faciais, um leve desequilíbrio, uma certa sensação de assimetria. Roupas de tecidos leves – via de comunicação pela ligeira transparência e pelo corte dessa comunicação através da presença material do tecido – expressam a tensão dual que se estabelece em relação ao sexo oposto. É *iki* também a figura da mulher após-o-banho – motivo de muitos *ukiyo-e* (xilografuras e pinturas do período Edo) – que evoca a nudez dum passado próximo a qual se opõe o *yukata* (roupa de estilo japonês, própria do verão) fino. O corpo esbelto, sem as ancas salientes (aliás, padrão de beleza feminina dos períodos Bunka e Bunsei). A maquilagem deve ser ligeira. Nada de exageros.

Como expressão artística: o desenho tem uma implicação muito acentuada com o *iki*. Retas paralelas materializam a dualidade. Os desenhos compostos de paralelas são *iki*. Os tecidos com esse tipo de desenho são os mais apropriados para a confecção de “kimono” *iki*. E a preferência deve dirigir-se mais para desenhos de retas paralelas na vertical, que tornam as pessoas mais esbeltas, mais *iki*. Os desenhos com muitas curvas, muito complicados não são do gosto de *iki*. As estampas muito vistosas também não são consideradas *iki*. As cores devem ser neutras. Acima de tudo, o cinza. Vêm em seguida o marrom e o azul índigo. É mais *iki* a coloração fria da banda do azul do que a da faixa de coloração quente como o vermelho e o amarelo. Na arquitetura: uma preferência no uso de materiais contrastantes: a madeira e o bambu; a madeira lisa e madeira com casca ao natural. Ainda aqui, a perseguição da tensão dual para ser *iki*.

## *Bibliografia*

KUKI, Shûzô. *Iki no Kôzô (Estrutura de Iki)*. Tokyo, Ed. Iwanami Shoten, 1976.

- KUWABARA, Takeo. *Mukashi no Hito, Ima no Jyôkyô* (*Gente do Passado, Situação do Presente*). Tokyo, Ed. Iwanami Shoten, 1983.
- NAKAMURA, Ryôji & CECCATY, René de. *Mille ans de Littérature Japonaise*. Paris, Éditions de la difference, 1982.
- OHASHI, Ryôsuke. *Iki no Kôzô no Hikari to Kage* (*Luz e Sombra de Iki no Kôzô*). In *Sôbun* (*Criação Literária*). Tokyo, n. 256, junho 1985.
- TADA, Michitaro & YASUDA, Takeshi. “*Iki no Kôzô*” *wo Yomu* (*Ler “Iki no Kôzô”*). Tokyo, Ed. Energy Taiwa – Esso Standard, 1978.